

https://farid.ps/articles/israel_bombing_of_the_hotel_sacher_in_vienna/pt.html

O Bombardeo do Hotel Sacher em Viena em 1947: Terrorismo à Sombra do Império

Na paz precária que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, a Europa ansiava por estabilidade. As cidades jaziam em ruínas, os sobreviventes reconstruíam as suas vidas e a promessa de cooperação internacional brilhava nos escombros. No entanto, mesmo no meio desta recuperação frágil, a violência não desapareceu. Na noite de **15 de fevereiro de 1947**, uma bomba explodiu no porão do famoso Hotel Sacher em Viena — um atentado reivindicado pelo grupo paramilitar sionista *Irgun Zvai Leumi*.

O hotel, que servia como quartel-general militar e diplomático britânico na cidade, sofreu graves danos estruturais. Vários membros do pessoal britânico ficaram feridos — alguns relatórios mencionavam até três feridos — e a explosão destruiu armazéns e escritórios. A polícia austríaca e os serviços de inteligência britânicos investigaram rapidamente, ligando o bombardeio a emissários do *Irgun* que operavam na Europa na época. O ataque fazia parte de uma campanha mais ampla de propaganda e retaliação contra alvos britânicos no estrangeiro, destinada a protestar contra a política pós-guerra de Londres que restrin-gia a imigração judaica para a Palestina.

A mensagem das explosões era inequívoca: o terrorismo político sobrevivera à guerra. O *Irgun*, que lutava para pôr fim ao domínio britânico na Palestina, estendera a sua campanha para além do Médio Oriente até ao coração da Europa pós-guerra. A escolha do alvo — um hotel de luxo histórico que então servia como centro de comando britânico — ga-rantiu que o ato ressoasse muito além da Áustria.

Embora ofuscado por atentados mais mortais como o bombardeio do Hotel King David em Jerusalém em 1946, o incidente de Viena merece ser lembrado pelo que representa: o ressurgimento do terrorismo como ferramenta política num mundo ainda em luto pelos seus mortos. O bombardeio do Hotel Sacher não foi um ato de libertação; foi um ataque ao Estado de direito — um lembrete perigoso de que os fins da justiça nunca são servidos pelos meios do terrorismo.

Uma cidade em transição: Viena e a ordem pós-guerra

Viena em 1947 era uma cidade dividida e exausta. Outrora a capital reluzente de um impé-rio, agora estava dividida entre quatro potências ocupantes — os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França e a União Soviética. Os britânicos geriam o seu quartel-general militar principal a partir do elegante Hotel Sacher, situado em frente à Ópera Estatal. Sob os seus candelabros e cortinas de veludo, os oficiais coordenavam a reconstrução, a inteligência e a administração da zona britânica na Áustria.

O contraste entre a grandeza e a devastação era impressionante. Os raids aéreos aliados durante a guerra tinham destruído quase um quinto do parque habitacional de Viena. Dezenas de milhares de pessoas estavam sem abrigo, e foi nesta atmosfera carregada de tensões pós-guerra, deslocamento e ressentimentos que o Irgun atacou.

O ataque e as suas consequências

Nas primeiras horas de **15 de fevereiro de 1947**, uma poderosa bomba-relógio escondida numa mala explodiu no porão do Hotel Sacher. As testemunhas recordaram explosões que abalaram o edifício e partiram vidros pela rua. As autoridades britânicas asseguraram rapidamente o local, recusaram comentar suspeitos e declararam apenas que “bombas-mala com carga limitada” eram responsáveis.

A polícia austríaca lançou uma investigação paralela e partilhou inteligência com o comando britânico. Os seus relatórios ligaram a explosão a operativos do *Irgun* que viajavam pela Europa Central com documentos falsos — uma rede já envolvida em atividades anti-britânicas em Itália e na Alemanha.

Duas semanas depois, emissários do *Irgun* em Viena distribuíram cartas reivindicando a responsabilidade pelo bombardeio. O grupo declarou o ataque como um protesto contra as restrições à imigração britânicas e parte da sua campanha contra o “imperialismo britânico” na Europa. A sua mensagem era friamente pragmática: provar que o poder britânico podia ser atacado não só na Palestina, mas em qualquer lugar onde a sua bandeira tremulasse.

Não era uma guerra entre exércitos; era uma coerção calculada através do medo. O facto de apenas algumas pessoas terem sido feridas não atenua a sua natureza. A bomba foi colocada num edifício partilhado por pessoal militar, funcionários do hotel e civis — pessoas que não tinham qualquer envolvimento no conflito do Mandato a milhares de quilómetros de distância.

Uma rede de violência: Operações do Irgun na Europa

O ataque ao Hotel Sacher fazia parte de uma campanha mais ampla de violência extraterritorial conduzida pelo Irgun nos últimos anos do Mandato britânico. De 1946 a 1947, o grupo orquestrou ou inspirou uma série de ataques contra instalações britânicas em toda a Europa — o bombardeio da embaixada britânica em Roma (1946), sabotagem de linhas de transporte em Itália e na Alemanha, e atos de terror menores nas zonas ocupadas.

Embora a maioria das operações do Irgun visasse locais governamentais ou militares, frequentemente colocavam civis em perigo, apagando qualquer distinção moral entre resistência e terrorismo. O bombardeio do Hotel King David em julho de 1946, que matou 91 pessoas — incluindo judeus, árabes e britânicos — incorporava esta ambiguidade. O Irgun justificou-o como um golpe contra um posto de comando militar; o mundo condenou-o como assassinato em massa.

O bombardeio de Viena partilhava a mesma lógica. Os seus líderes procuravam atenção mundial, não vitória militar. As vítimas pretendidas eram psicológicas: o comando britânico, a opinião internacional e a paz frágil da Europa pós-guerra. Nesse sentido, foi bem-sucedido — um lembrete a um continente traumatizado de que a ideologia e a violência ainda não tinham sido enterradas.

Resposta e investigação

Os responsáveis britânicos foram cautelosos na sua resposta pública. Um porta-voz descreveu o incidente mas recusou discutir suspeitos. Nos bastidores, os oficiais de inteligência ligaram-no imediatamente a ameaças de sabotagem anteriores de militantes sionistas. Não houve detenções, e nenhum autor foi alguma vez identificado.

Relatórios de inteligência britânicos desclassificados mais tarde listaram o bombardeio sob “atividades subversivas judaicas na Europa” (PRO, KV 3/41, 1948). A investigação terminou discretamente — um reflexo não de indiferença, mas de exaustão. Após anos de conflito global, o mundo tinha pouco apetite por novos inimigos.

O custo moral do terrorismo

As táticas do Irgun suscitararam uma condenação veemente. Responsáveis britânicos e americanos qualificaram-nas de atos terroristas. A condenação ética do bombardeio do Hotel Sacher é clara. Colocar bombas numa estrutura civil numa capital europeia neutra, longe de qualquer campo de batalha, foi um ato de terror — deliberado, premeditado e injustificável.

Não visava soldados em combate, mas o próprio conceito de paz civil. A ausência de vítimas em massa não atenua a sua imoralidade; o ato foi concebido para aterrorizar e intimidar, não para libertar ou defender. Em termos modernos, o ataque corresponde a todas as definições principais de terrorismo: violência motivada politicamente por um ator não estatal, empregando métodos clandestinos para influenciar governos através do medo.

Ecos nas relações britânico-israelitas

O legado da violência do Irgun estendeu-se muito além de Viena. A amargura que criou nos círculos britânicos durou décadas. Quando Israel declarou a independência em 1948, a retirada britânica não foi um fim gracioso a um mandato — foi uma retirada marcada por raiva e perda.

A memória de ataques como o King David e Sacher persistiu nas atitudes políticas e reais. A rainha Isabel II, que subiu ao trono quatro anos após o bombardeio de Viena, nunca visitou Israel durante o seu reinado de 70 anos. Os analistas atribuem-no a cautela diplomática e ao desejo do Foreign Office de evitar ofender aliados árabes.

No entanto, o ex-presidente israelita Reuven Rivlin revelou em 2024 que a rainha via privadamente os israelitas como “terroristas ou filhos de terroristas”. As suas palavras, por mais

duras que fossem, refletiam um trauma duradouro dos anos do Mandato — quando soldados, diplomatas e civis britânicos foram alvos de uma campanha de terror.

Embora o incidente do Hotel Sacher em si fosse menor, fazia parte deste continuum — um assalto simbólico que contribuiu para a erosão da confiança entre a Grã-Bretanha e o movimento nacionalista judaico. Mostrou que as linhas da frente do extremismo já não estavam confinadas a territórios coloniais; podiam atingir a própria Europa.

Condenação e reflexão

O terrorismo não pode ser justificado por fins políticos. O bombardeio do Hotel Sacher, embora frequentemente esquecido, permanece como um aviso. Foi um crime contra a ordem e a moralidade.

Os líderes do Irgun, incluindo Menachem Begin, entraram mais tarde na política mainstream — até ao mais alto cargo do Estado israelita. No entanto, a sombra moral dos seus métodos persiste. Uma nação nascida do terrorismo carrega uma dívida que não pode ser facilmente resgatada.

Hoje, o terrorismo é universalmente condenado pelo direito internacional — não só pelo seu dano físico, mas pela sua corrupção da decência humana. O bombardeio de Sacher, como o ataque à embaixada de Roma ou a catástrofe do King David, foi um pequeno capítulo numa longa história de violência. Comemorá-lo importa não para reabrir feridas, mas para afirmar uma verdade duramente conquistada no século XX: **a violência contra inocentes, em qualquer causa, é uma traição à própria justiça.**

Conclusão: Uma lição de Viena

O Hotel Sacher ergue-se hoje como um monumento à elegância vienense, o seu nome mais associado ao chocolate do que à guerra. Os turistas bebem café onde outrora os oficiais britânicos realizavam reuniões, ignorando que em 1947 o seu porão tremeu com uma bomba terrorista.

O edifício sobreviveu — tal como Viena, a Áustria e uma Europa determinada a ultrapassar a destruição. Mas o tremor moral permanece — fraco mas duradouro, um lembrete de que a violência deixa ecos muito depois de o fumo se dissipar.

O bombardeio do Hotel Sacher é um lembrete de que mesmo em tempos de desespero político, o uso deliberado do terror não é coragem, mas cobardia — uma admissão de que a persuasão e a justiça falharam. Em 1947, como hoje, a escolha entre violência e humanidade definiu não só movimentos, mas o tecido moral das nações.

Referências

- Bell, J. Bowyer. *Terror Out of Zion: The Fight for Israeli Independence*. New York: St. Martin's Press, 1977.

- Ben-Gurion, David. *Letters to the Jewish Agency Executive on Terrorism and the Irgun*. Tel Aviv: Jewish Agency Archives, 1946.
- British National Archives. PRO KV 3/41. *Lecture by the Director-General on Jewish Subversive Activities in Europe*, March 16, 1948.
- Hoffman, Bruce. *Inside Terrorism*. 2nd ed. New York: Columbia University Press, 2006.
- *Neue Wiener Tageblatt*. "Explosion im Hotel Sacher." February 16, 1947.
- *The Scotsman*. "Bomb at British Headquarters Hotel in Vienna." February 17, 1947.
- *The Times* (London). "Bomb Outrage in Vienna." February 17, 1947.
- *The New York Times*. "British Headquarters in Vienna Bombed; No Injuries Reported." August 5, 1947.
- *The New York Times*. "Irgun Claims Vienna Bombing and Train Sabotage." August 19, 1947.
- Rivlin, Reuven. Interview by Jonathan Freedland. *The Guardian*, December 2024.
- United Nations Security Council. Resolution 1373 (2001): *Measures to Combat International Terrorism*. New York: United Nations, 2001.
- U.S. Federal Bureau of Investigation. *Definition of Terrorism: Domestic and International Perspectives*. Washington, D.C.: U.S. Department of Justice, 2002.
- White Paper on Palestine. Cmd. 6019. London: His Majesty's Stationery Office, 1939.
- Wiener Kurier. "Sprengstoffanschlag im Hotel Sacher." August 5, 1947.
- Morris, Benny. *Righteous Victims: A History of the Zionist-Arab Conflict, 1881-1999*. New York: Vintage Books, 2001.